

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA CAROLINA ZUCOLO VERZOLA
MARTA MARIA MIRANDA BÁRBARO

OS SIGNIFICADOS DA MORTE PARA JOVENS UNIVERSITÁRIOS:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA

BEBEDOURO
2009

ANA CAROLINA ZUCOLO VERZOLA
MARTA MARIA MIRANDA BARBARO

OS SIGNIFICADOS DA MORTE PARA JOVENS UNIVERSITÁRIOS: UMA VISÃO
PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, apresentado às Faculdades Integradas Fafibe, sob a orientação da Professora Mestre Laura Vilela e Souza para obtenção do título de psicólogo.

BEBEDOURO
2009

Bárbaro, Marta M. M.; Verzola, Ana Carolina Z.
Os significados da morte para jovens universitários:
Uma leitura psicanalítica / Ana Carolina Zucolo Verzola;
Marta Maria Miranda Bárbaro. -- Bebedouro: Fafibe,
2009.

59f. ; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-
Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 50-52

1. Morte. 2. Juventude. 3. Psicanálise. I. Título.

ANA CAROLINA ZUCOLO VERZOLA
MARTA MARIA MIRANDA BÁRBARO

OS SIGNIFICADOS DA MORTE PARA JOVENS UNIVERSITÁRIOS:
UMA VISÃO PSICANALÍTICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, apresentado às Faculdades Integradas Fafibe, sob a orientação da Professora Mestre Laura Vilela e Souza para obtenção do título de psicólogo.

Banca examinadora

Orientadora: Prof. Ms. Laura Vilela e Souza
Faculdades Integradas Fafibe

Examinadora : Prof. Dra. Débora Paro
Faculdades Integradas Fafibe

Bebedouro, 24 de novembro de 2009

Dedicamos esse trabalho a todas as pessoas que passaram por experiências de perda e luto, e também para os entrevistados que nos auxiliaram na busca e compreensão sobre os significados da morte, tornando possível assim, a realização de um trabalho que despertou, outrora, nosso interesse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo seu amor que aquece meu coração, me dá forças para lutar contra as tribulações do dia a dia. Por todos os momentos que coloca em minha vida que me faz ter a certeza de ser realmente especial aos seus olhos.

Aos meus filhos, Natália e Henrico, que são companheiros e maravilhosos e também vitoriosos por conseguiram driblar a ausência da mãe nesses anos todos de faculdade.

Ao meu marido Francisco pela paciência e apoio nos momentos mais difíceis do curso me incentivando na busca pelo conhecimento. Sem sua compreensão certamente não estaria finalizando o curso.

Também agradeço aos meus pais, que me ensinaram sobre a vida e a morte, que me amaram incondicionalmente, deixando muitas saudades do aconchego e carinho que me ofertavam, por eles sou eternamente grata.

À minha irmã Adriana, que me ajudou a entender e dar sentido à minha história.

À minha sogra, cunhada e cunhado que cuidaram dos meus filhos com muito carinho em momentos de correria com os trabalhos da faculdade.

A todos meus funcionários, que me apoiaram cuidando da minha casa, dos meus filhos, do meu pai, do meu marido, da minha loja, e da clínica, viabilizando assim minha frequência na faculdade.

À minha orientadora que foi continente nos conflitos, encorajadora nas dificuldades estando ao meu lado incansavelmente para acalmar minhas angústias.

À minha companheira de TCC, Ana Carolina, pela disposição e companheirismo na realização desse trabalho.

Aos meus amigos André, Albinha, Cacá, Lais, Letícia, Tali, Flavinha, Lú , Monique, Jú, Aline, Maria, Sr. Vidal que tanto me ouviram falar sobre o tema da morte, e em especial ao Jhony pelas aulas de computação e ajuda nos momentos de dificuldades com slides, trabalhos e normas do TCC.

A todos os amigos de faculdade, que fizeram parte de um momento de construção de um novo pensar, sentir e ver a vida.

Aos amigos que começaram o curso e pelas adversidades da vida não estão experimentando essa vitória, mas com certeza estão guardados em meu coração, em especial meu amigo Héric (*in memoriam*).

Aos funcionários da Fafibe, especialmente à Marisa, ao Fabiano e à Viviane por me receberem sempre com um sorriso no rosto e estarem prontos para me acolher nos momentos de dúvidas

Aos professores, supervisores e coordenadora por todo o empenho e dedicação em minha formação, por suportarem com determinação tantos momentos difíceis, tentando atender todas nossas solicitações. Sou grata por lutarem pelo reconhecimento do curso e vencerem, vocês merecem a nota máxima!

À minha examinadora de banca que pela última vez nesse ano estaremos juntas para vencer mais uma etapa que é inédita, por ser a primeira turma de psicologia da Fafibe.

Meus agradecimentos especiais a todos aqueles que tive oportunidade de realizar um atendimento, pela aprendizagem e experiência profissional.

Marta Maria Miranda Bárbaro

Agradeço de maneira incansável, a Deus, pela vida abençoada que me deu, pelas graças concedidas em minha vida pessoal acadêmica, pela minha família abençoada e maravilhosa, pelas oportunidades ricas e deliciosas de conhecer pessoas significativas.

De maneira especial, à minha mãe, por motivos mil, mas principalmente no momento presente, por ter me proporcionado a realização de mais um objetivo na minha vida, tendo em vista minha felicidade e não os sacrifícios que por isso, poderiam existir. Suas falas também, sempre orientando-me para posturas, comportamentos, lições de vida, direcionadas ao bem.

De maneira única, à minha irmã, por estar a meu lado, saber entender minha busca por mais uma formação acadêmica; pela sua participação na minha vida, como amiga, mãe, irmã, colega, mas sobretudo, como alguém de grande importância, além de mãe da coisa mais preciosa da minha vida, minha sobrinha Manoella.

Ao meu pai, que a seu modo, participou da minha formação como pessoa, mostrando-me sempre o que era certo, reto e bom.

Com carinho, a meus avós, pela base familiar que passam a todos nós; pela compreensão nos momentos e situações difíceis, nos cinco anos de graduação.

Reconhecidamente, a todo pessoal e família Fafibe, pelas minhas formações como, não apenas profissional, mas como pessoa também. Cada um a seu modo, em sua atuação dentro da instituição, merece e tem meus sinceros agradecimentos.

Com carinho, reconhecida e sinceramente, aos meus professores, que estiveram presentes durante todo meu processo de formação, contribuindo para meu crescimento e enriquecimento pessoal, mas principalmente, na minha formação profissional.

Com amor, carinho de todo coração, à minha orientadora desse trabalho, meu exemplo, meu modelo de postura, de trabalho e empenho no que faz.

Com muito carinho, à minha companheira Marta, que confiou em mim para compartilharmos essa experiência inesquecível e trabalhosa que foi fechar e concluir nosso curso.

Emocionadamente, com carinho, amor e saudades já, aos meus amigos. Com lágrimas agradeço a presença de vocês em minha vida. Todos têm uma participação especial, singular nos meus cinco anos de faculdade, que serão levados em minha memória e coração pela minha vida futura. Deixaram em mim, marcas individuais, como o barulho das risadas, as expressões características, os perfumes, os andares, os costumes. Tudo que me faz, hoje, chorar de alegria por tê-los conhecido.

Ana Carolina Zucolo Verzola

“É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental.” (MORIN, 1988 apud SANTOS, 2009, p. 3)

RESUMO

Objetivou-se nesse trabalho compreender os significados relatados por jovens universitários sobre a morte. Foram realizadas 4 entrevistas com jovens entre 18 a 25 anos questionando sobre o que é a morte para eles e quais associações eles fazem a partir da idéia de morte. A análise de conteúdo temática das entrevistas foi empreendida e o referencial teórico psicanalítico embasou a discussão do material. Quatro eixos temáticos dessa análise são aqui apresentados: a diferença no pensar a morte de pessoas doentes; a morte de pessoas idosas; a morte de pessoas próximas e a aceitação da morte diante da religião. Os participantes descreveram o pensar a morte de alguém jovem e sadio como mais assustador do que a morte das pessoas idosas e doentes, sendo essa última melhor entendida frente à naturalidade do ciclo vital. Pensar a morte de pessoas próximas é descrito por esses jovens como uma experiência angustiante, desestruturadora e indescritível. A religião é citada como um meio que possibilita uma melhor aceitação da morte. As características psicológicas dessa faixa etária proporcionaram uma contextualização das descrições a partir de uma leitura psicanalítica.

Palavras-Chave: Morte. Juventude. Psicanálise.

ABSTRACT

This study aimed in comprehends the meaning of the report which young college students gave about death. It was performed 4 interviews with students between 18 and 25 years old, in which they were questioned about their thoughts related to death and what association do they make towards the idea of death. The thematic study analysis of the interviews happened and the psychoanalyst theoretical reference based the material discussion. Four thematic axes of this analysis are here presented: the difference on the death thoughts of sick people; the death of old people; the death of close ones and the death acceptance before religion. The students described thinking about death of someone young and healthy scarier than the death of old and sick people, as the last one is more often comprehended facing the natural vital cycle. Thinking about death of someone close is described by them as something distressing, non-structuring and wordless. Religion is mentioned as a way of better approving the issues of death. The psychological features of this age group ended up giving context to the description before a psychoanalytic study.

Keywords: Death. Youth. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A morte e a psicanálise	13
1.2 A origem do medo da morte	16
1.3 A juventude definida pela literatura	22
2 JUSTIFICATIVA	25
3 OBJETIVO.....	26
4 METODO.....	27
4.1 Local e contexto em que foi realizado o estudo	27
4.2 Participantes	27
4.2.1 <u>Critérios de inclusão</u>	27
4.2.2 <u>Critérios de exclusão</u>	27
4.3 Cuidados Éticos	28
4.4 Instrumentos e materiais	29
4.5 Estratégias de coleta dos dados	29
4.6 Estratégias de sistematização e análise dos dados	29
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
5.1 O contexto das entrevistas	31
5.1.1 <u>Anita: A morte em lágrimas</u>	31
5.1.2 <u>Lucila: A segurança do pensar a morte como alegria</u>	32
5.1.3 <u>Maria: A difícil tarefa de explicar a morte</u>	33
5.1.4 <u>Fábio: A morte como rotina profissional</u>	33
5.2 A morte em temas	34
5.2.1 <u>A morte de pessoas doentes</u>	35
5.2.2 <u>A morte de pessoas idosas</u>	37
5.2.3 <u>A morte de pessoas próximas</u>	40

5.2.4 <u>Morte e Religião</u>	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI - ESTRUTURADA	54
ANEXO A – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	56
ANEXO B – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	58

1 IINTRODUÇÃO

“Não é fácil lidar com a morte, mas ela espera por todos nós...Deixar de pensar na morte não a retarda ou a evita. Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência tão importante e valiosa quanto qualquer outra.” (ÁRIES, 2003 apud SANTOS, 2009, p.3)

1.1 A morte e a Psicanálise

A concepção que se tem da morte e a atitude do homem frente a ela se altera de acordo com o contexto sócio-histórico, cultural, de suas experiências da vida, bem como da etapa do desenvolvimento que cada um se encontra.

Para Kubler–Ross (1997), o ser humano, desde sua infância passa a lidar com algo desconhecido, a morte, e o desconhecido provoca um terror que precisa ser abrandado pelo Id/ Ego/Superego que se interagem em busca de uma harmonia para levar o indivíduo a sentir bem estar, pois essas estruturas psíquicas desconhecem a morte.

Para essa autora o homem também começa a mobilizar fantasias de que existe um mundo paradisíaco após a morte, e assim procura ser bom para poder ganhar a imortalidade e se livrar de sentimentos de culpa e remorso que lhe salvam do inferno.

Giorgi ([200-]) se refere que existem duas vertentes sobre o tema da morte: uma é sobre a morte do outro, da qual temos a real consciência, e a outra é sobre a própria morte, que o homem evita pensar, negando sua condição animal.

No texto *Luto e Melancolia* Freud (1996b) afirma que a morte de um ente querido nos revolta, pois leva consigo uma parte do eu. A perda do ser amado exige uma retirada da energia libidinal do objeto perdido, sendo muito penoso o deslocamento dessa energia para outro objeto. A perda está relacionada com a idealização do objeto, sobre ele é colocado algo de muita importância em um processo que não é consciente. Por isso, aparecem sentimentos de ambivalência, amor e o ódio, pois ao mesmo tempo em que sofremos por ter perdido o objeto amado, temos ódio por ele não fazer mais parte de nossa vida.

Segal (1975, p. 32) trata do assunto sobre a idealização do objeto, ao introduzir a obra Kleiniana, quando afirma que a “estrutura de personalidade é amplamente determinada pelas fantasias que o ego tem de si mesmo e sobre os objetos que contém”. Os objetos são a mediação da criança com o mundo, e o bebê internaliza-os, como sendo “bons” (quando o satisfaz, o alimenta e dá prazer) ou “maus” (quando o frustra, apresentando-lhe sensações de desprazer). O ego do bebê, a partir de suas primeiras experiências com o mundo externo, é capaz de fazer cisão entre o que é bom e o que é mau, introjetando os primeiros e projetando para fora de si o que lhe parece como mal.

O bebê, em suas ligações com objetos, introjeta as experiências gratificantes, tendo a partir de então o objeto ideal fazendo parte do seu ego. O objetivo do bebê é tentar mantê-lo dentro, identificar-se com esse objeto ideal, que ele vê como algo que lhe dá vida e como algo protetor (SEGAL, 1975).

Klein (1991) relata que o ego, ao projetar partes suas para os objetos internos, faz também o processo inverso, introjeta partes do objeto externo em si mesmo. A divisão entre os objetos em bom/ideal e mau, possibilita que o indivíduo experiencie e se relacione com eles de forma a proteger o ego e o objeto bom que já foi internalizado, e manter suas partes más distantes dos mesmos.

Giorgi ([200-]) relata que esta ambivalência está presente em todos os relacionamentos humanos, nos quais é muito comum aparecer o desejo de ferir a pessoa amada. Essa consideração se esbarra no que Segal (1975, p. 52) traz da obra de Klein, ao mencionar a inveja, que, para esta autora, atua a partir do nascimento: “a inveja é uma relação de duas partes, na qual o sujeito inveja o objeto por alguma posse ou qualidade”. Assim, o bebê, age com toda a voracidade, visando a posse de toda bondade que possa ser extraída do objeto; isso resulta na destruição do mesmo objeto e na danificação de sua bondade. A inveja, surgindo do amor e da admiração, é a busca de que sejamos tão bons quanto o objeto.

Para a mesma autora, fortes sentimentos de inveja conduzem ao desespero, uma vez que o objeto destruído passa a ser fonte de perseguição interminável e posteriormente de culpa. No caso da morte e perda de pessoas importantes, as quais são depositárias de idealizações do sujeito, e ao mesmo tempo de toda a inveja pelo prazer do qual é fonte, o indivíduo carrega uma grande culpa e vive sua vida tentando reparar o mal praticado, como se fosse a culpada pela morte da pessoa.

Quando o bebê percebe ter destruído o objeto ideal, aparecem sentimentos de perda, culpa e desespero, o que desperta o desejo de recriar o objeto e recuperá-lo externa e internamente, esse processo é chamado pela mesma autora de reparação do objeto. A reparação é um processo que o indivíduo passa inconscientemente, para evitar a ansiedade causada pela perda; “é uma tentativa maníaca de restaurar o objeto” (SEGAL, 1975, p.108). Através da repetição de experiências de perda e recuperação o ego recria o objeto interno. Essas atividades reparadoras se dão pelo desejo de restaurar e preservar o objeto e dar-lhe vida eterna.

Segundo Freud (1996b, p.249), “o luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de alguém” Sendo assim, como diz o mesmo autor, o abandono à posição libidinal nunca é vivenciado tranquilamente, podendo a nossa própria morte levar o indivíduo a um desvio de realidade. Conforme a mesma idéia, não é possível representarmos a própria morte, pois quando a imaginamos não conseguimos nos ver como mortos uma vez que somos o expectador que vê a pessoa morta. Isso também acontece porque a consciência não é capaz de representar sem deixar de existir, e também inconscientemente todos somos imortais, pois para o inconsciente não existe o tempo e conseqüentemente sua passagem, envelhecimento e morte.

Para Kovács (2002, p.153) “a morte do outro se configura como a vivência da morte em vida; é a única possibilidade de experiência da morte que não a própria morte física”. Sendo assim, Becker (2007) acredita que a simples certeza de que um dia iremos morrer nos traz muita angústia, uma angústia da separação e da castração.

Bifulco ([200-]) pensa que na verdade passamos a vida toda achando que temos controle sobre a morte, um controle feito por uma simples previsibilidade de acontecimentos do nosso cotidiano, ou propostas por uma ciência que avança em tecnologia para alcançar a imortalidade. Porém a morte é determinista e faz parte do ciclo vital da vida.

A morte também pode ser vivenciada pelas separações temporárias ou definitivas, as quais sempre são dolorosas. Nesse sentido, para Kovács (2002), perda e morte também são sinônimos, uma vez que ambas remetem a vínculos rompidos, a desligamentos e à reorganização da vida interna de quem fica.

Apesar das tentativas de ficar longe da consciência da morte, esta pode ser representada nos sonhos e nos símbolos.

Esse mesmo autor se refere que é por isso que esse temor na verdade acaba por funcionar como instinto de auto-preservação, porque se esse sentimento for o tempo todo consciente nossa mente não funcionaria normalmente e, portanto, pode-se dizer que a negação passa a ser saudável para que consigamos nos manter com um mínimo de conforto mental.

Giorgi ([200-]), diz que apesar da morte ter uma grande carga negativa sobre a vida do ser humano, pode-se dizer que ela é a mola propulsora para tudo aquilo que dá sentido à vida dele, ou seja, a arte, a religião, a ciência, a política, o trabalho, a família, os filhos, pois é assim que o homem sente-se capaz de dar significado à sua incessante busca pela imortalidade, produz frutos que um dia deixará para a sua posteridade.

1.2 A origem do medo da morte

“Tu tens um medo: acabar
 Não vês que acabas todo o dia. Que morres no amor, na tristeza, na dúvida,
 no desejo.
 Que te renovas todo dia: no amor, na tristeza, na dúvida, no desejo.
 Que és sempre outro. Que és sempre o mesmo.
 Que morrerás por idades imensas.
 Até não teres medo de morrer.
 E então serás eterno.” (MEIRELES, 1964 apud SANTOS, 2009, p.301)

Estudos afirmam que o medo da morte se desenvolve na criança por volta dos 3 aos 5 anos de idade. Neste momento ela ainda não consegue elaborar essa idéia tão abstrata, pois está cercada de coisas vivas que se mexem e respondem aos seus apelos. Ela ainda não sabe o que é a vida e nem entende o que é a morte, mas aos poucos passa a ter contato com ela, à medida que percebe que quem morre não volta mais e que um dia todos terão que morrer (BECKER, 2007).

Só por volta dos 9 ou 10 anos essa percepção vai ser elaborada de forma mais racional. Embora a criança pequena não tenha condições de entender seus sentimentos diante da morte, têm condições de sentir sua dependência da mãe, sua solidão quando ela está ausente, sua tristeza quando não é agradada e sua irritação

diante da fome e da falta de conforto. Assim fica evidenciado que a criança é um ser extremamente ligado à mãe, quando suas necessidades são atendidas, tem a sensação de que possui poderes mágicos, é só chorar e balbuciar que tudo funciona para satisfazer os seus desejos. Porém quando a criança sente frustrações, dirige para os pais sentimentos destrutivos. Essa confusão de sentimentos é a causa principal da culpa, pois se, ao lançar o ódio, algo de ruim acontece com os pais, a criança passa o resto da vida tentando reparar seu erro, porque é demasiadamente fraca para assumir a responsabilidade por todo esse sentimento destrutivo (BECKER, 2007).

A partir do momento em que ela começa a distinguir seu próprio corpo do corpo da mãe acaba aprendendo a lidar com a separação, e este é o primeiro contato que temos com a morte, e assim passamos a conviver com ela mais de perto, através das mínimas separações ou perdas.

Com isso pode-se pensar, como já dizia Zimerman (2004), que uma estrutura narcísica advém de um luto patológico no momento da diferenciação, em que ocorre uma separação predominando o sentimento de ódio. Para Becker (2007), a criança que experimenta boas sensações no contato com sua mãe poderá desenvolver um sentimento de segurança, não apresentando o temor de perder o amor e o apoio da pessoa amada.

Ainda sobre as considerações desse último autor, se, ao contrário, ela for abandonada à própria sorte, seu organismo não se desenvolverá normalmente e seu emocional apresentará o fenômeno de ansiedade de perda objetal ou angústia de aniquilamento.

Baseado nesse ponto de vista fica fácil fazer uma analogia de que aqueles que tiveram experiências amargas no início da vida serão as pessoas que ficarão fixadas na angústia da morte. Tornam-se pessimistas com relação à vida, apresentando dificuldades na separação. E é só quando a separação acontece que o indivíduo se torna capaz de entrar em contato com sua incompletude e sua incapacidade, gerando um grande sentimento de angústia e medo (BECKER, 2007).

A tendência é que mesmo assim o indivíduo negue a sua incompletude e busque incessantemente a satisfação de suas necessidades básicas. Para isso se utiliza de máscaras demonstrando uma ilusória auto-suficiência, busca por reconhecimento, quer ser amado, respeitado, desejado, valorizado, tentando agradar os outros para se assegurar de não ser abandonado.

Esses aspectos citados fazem referência a um conceito específico que Freud usou em 1914 em um dos seus trabalhos, nomeando-o de “narcisismo.”

Laplanche (2001, p.290) ao definir narcisismo diz que este é um estado de pulsão sexual no qual o indivíduo vai realizar suas ligações segundo suas necessidades, seja de auto-preservação ou de completude. No entanto, o autor divide o narcisismo em primário e secundário, sendo o primeiro um “estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesmo”, num instinto de auto-preservação e total ausência de relações com o meio. Para Freud (1996c, p.290), essa idéia aponta para o primeiro narcisismo em que a criança toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher e se ligar aos objetos externos, o que corresponde a uma sensação de onipotência. Já o narcisismo secundário “designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetivos, com a finalidade de incorporar esses investimentos objetivos na busca da completude.

Becker (2007) relata que um dos aspectos mais mesquinhos do narcisismo é acharmos que diante da morte praticamente todos são sacrificáveis, exceto nós mesmos. Lutamos com todas as nossas forças para sobreviver. É por isso, que em meio a uma guerra os homens são valentes e marcham rumo ao inimigo, pois não acreditam que vão morrer, apenas sentem pena daqueles que estão ao seu lado.

Por isso James (1958 apud BECKER, 2007) disse que a nossa principal tarefa neste planeta é a de sermos heróis, de sermos algo a mais que justifique a nossa vida e nos torne para a imortalidade através do reconhecimento dos nossos atos. Pode-se dizer, então, que a busca pelo heroísmo é apenas um reflexo do temor pela morte.

Nesse sentido o homem busca um lugar privilegiado na natureza, busca se destacar, já que é uma criatura com imensa capacidade de poder e abstração. Constrói edificações que demonstra seu valor e transmite para as gerações seu poder, explicitando o quanto é útil para a criação, e tem um significado ímpar, e que todas essas representações possam se sobrepor à morte e assim possa ser lembrado mesmo depois dela (BECKER 2007).

Ainda sobre as considerações desse autor, no início do desenvolvimento humano a criança reage mediante às necessidades de seu corpo, mas com o desenvolvimento emocional ela quer comandá-lo, desenvolve formas de moldar o ambiente para seu engrandecimento e procura sempre a sensação de ter controle sobre a natureza, os outros e a si mesmo. Porém descobre que seu corpo é

imperfeito e que lhe traz sensações desagradáveis, é incapaz de controlá-lo diante de qualquer alteração e patologia, tentando reprimir a idéia de que é mortal, que faz parte do mundo externo e não daquele mundo ideal que cria no seu interior.

Essa forma enganosa em que o homem constrói sua vida é baseada nas angústias de seus pais e de uma sociedade diante de um contexto histórico e cultural, que lhe condicionam uma personalidade de imitação, onde não é permitido o fracasso na vida e nem tão pouco a condição de ser criatura.

Freud (1996a) com sua teoria abordou os instintos de morte e de vida, que cabe aqui fazer uma menção, pois podem explicar a negação do homem em ser criatura. O instinto de morte representa o desejo de morrer do organismo, mas esse mesmo organismo pode salvar-se da morte, voltando-se para fora. Assim o homem pode neutralizar seu instinto de morte, matando outras pessoas. Isso explica a agressividade humana como sendo uma fusão do instinto de vida com o de morte.

Matar então é uma solução simbólica de uma limitação biológica da natureza humana, assim o terror da morte sentido pelo homem, pode ser neutralizado pelo sacrifício do outro.

Na tentativa de neutralizar tal conceito, o homem procura se ligar a um ser superior, imortal, algo mais forte que ele, para buscar um significado para a vida e para a morte (BECKER, 2007).

Para Freud (1996a), desde o início da vida, com o trauma do nascimento, o homem escolhe pessoas e objetos em que pode transferir e conferir controle, poder, força e assim dar um destino à vida e à morte, manipulando de forma que eles reajam de acordo com as suas vontades e necessidades.

Paul Roazen (1970 apud BECKER, 2007) relata que a criança é a primeira a reagir realizando transferências objetais, transferindo suas vivências emocionais para os pais, depositando neles toda sua idealização e sentimentos.

Para Freud (1996a), quando a criança utiliza um objeto para transferência, ela se garante da sua imortalidade e de que este lhe dará proteção enquanto viver, pois quanto mais ela deposita nesse objeto, mais ele poderá lhe devolver em poderes e segurança.

Assim criamos pessoas extraordinariamente poderosas, verdadeiros heróis. Porém quando essa pessoa morre, ficamos expostos à sua própria finitude, e esse mundo construído entra em colapso. O mesmo movimento é realizado com Deus, o

homem cria um ser superior, imortal, e passa a acreditar que se for bonzinho, esse Deus lhe fará viver para sempre.

Otto Rank (1968 *apud* BECKER, 2007) diz: “Porque só vivendo uma íntima ligação com um deus-ideal, erigido fora de seu próprio ego, a pessoa será capaz de viver” (p.188). Assim o homem dirige para o universo a busca por uma segurança capaz de lhe permitir viver a vida sem preocupar-se com suas imperfeições.

Para Becker (2007), Freud pensava que a ligação do homem com Deus representava seu desamparo, medo e ganância por proteção e satisfação, representando assim a pulsão pela vida. Sendo assim, quando o homem sai de si mesmo para unir-se à natureza, aos pais, à sociedade, pode e é capaz de viver uma transcendência superior de significado maior, a ligação a algo ideal.

Eros (pulsão da vida), para a psicanálise freudiana, também está presente quando o homem quer se destacar como criatura, dando sua contribuição individual para o mundo, porém quando aparece em demasia acaba abafando a gratidão e a humildade, agindo de forma contrária ao não isolamento e sim individualização. No entanto, a ânsia pela bondade em busca de não estar só, acaba por significar que quem é bom é estável e duradouro. Assim procura ser moral, ser íntegro e estar numa posição especial entre as criaturas, tentando ultrapassar seu estado de pequenez, pois só quem é bom tem realmente um valor, um dom heróico e é reconhecido. Porém sua autocrítica o tortura, e no fundo sente que não é tão bom assim e que não poderá realmente atingir um lugar de destaque.

Assim:

Fica claro que o homem quer o impossível: perder o seu isolamento e, ao mesmo tempo, mantê-lo. Não pode suportar o sentimento de separação e, no entanto, não pode concordar com a completa sufocação de sua vitalidade. Quer expandir-se mesclando-se com o poderoso além que o transcende e no entanto, quer, enquanto se mistura a ele, continuar individual e distante. (BECKER, 2007 p.191).

A personalidade do homem acaba então se formando em torno de um eixo que gira segundo suas necessidades de agradar aos outros a quem tomamos por Deus, tanto na terra como no céu, na tentativa de resolver os seus problemas. Assim esse homem está sempre à procura de um significado para si, para sua vida e para o seu corpo, essa busca lhe é angustiante. Porém, ele pode eliminar essa angústia através do sexo, que nada mais é que a consciência do próprio corpo e do corpo do parceiro, isso lhe retira a culpa por ter um corpo perecível, que lhe atrapalha, e lhe

aponta sua mortalidade como um inimigo a ser derrotado, pois o sexo lhe dá prazer e satisfação (BECKER, 2007).

Essa culpa pode ser ainda dissipada quando o corpo é utilizado para procriação, pois ter filhos significa ser levado à imortalidade. Assim a natureza do corpo consegue vencer a morte, na medida em que ele conseguiu impor ao corpo a transposição para a imortalidade. Esse mesmo corpo também tira a possibilidade de sermos livres, pois ele nos faz recordar a todo o momento que somos mortais.

Sendo assim, Becker (2007) refere que, diante de tantos temores e angústias o homem pode até adoecer na tentativa de dar outros significados para o mundo e para seus terrores, desenvolvendo negações patológicas e alienações para assim poder levar uma vida mais tranqüila, de acordo com suas verdades. Diante desse paradigma pode-se pensar que o homem acaba sendo vítima de si mesmo, por sua desilusão, falta de coragem por temer a vida e a morte.

Como vimos, a morte nos separa dos objetos de afeto e também nos ensina o auto-conhecimento para que possamos obter uma melhor qualidade de vida, e esse movimento é profilático para nosso aparelho físico e psíquico.

Para Adler (1924 *apud* BECKER, 2007), a doença mental se converte em uma história dos fracassos do homem para transcender a morte, pois os obstáculos da vida e o terror da morte tornam-se incapacitantes para que o homem possa exercer seu heroísmo como todos os outros fazem.

Pierre (1998) diz que, à medida que nos conscientizamos da morte é que podemos valorizar a vida e viver sem desperdício um minuto de nossa existência. Mas as experiências nos ensinam a sempre buscar e obter prazer, vitórias, a ter fascínio pelo poder e nunca a encarar a dor, e é assim que se estrutura nosso ego, nos mostrando o quanto somos felizes, pois ele aceita apenas o que é concreto, infinito, temendo tudo o que termine e traga dor.

Afinal, aprender sobre a morte é poder ter consciência da vida, é valorizar a nossa existência, reduzindo a angústia existencial, é aprender a perder, a separar-se do outro, a desvincular-se das conquistas e obter realmente um ensinamento.

Montaigne (1996 *apud* PIERRE, 1998, p. 23) disse que “A utilidade de viver consiste não no tamanho dos dias, mas no uso do tempo. Um homem pode ter vivido muito tempo e, mesmo assim, ter vivido pouco”.

Tal afirmação nos permite pensar que se o homem passar a reconhecer cada ciclo da sua vida e vivê-lo intensamente poderá estar mais preparado para aceitar o processo da morte, sabendo que este se inicia desde que a vida começa.

A autora diz que não é isso que ocorre, pois a natureza da morte foi cindida da vida, mas elas fazem parte do mesmo processo e estão acontecendo juntas a cada dia e a cada momento, tanto no âmbito físico, como no âmbito psíquico. A todo o momento milhares de células morrem no nosso corpo e outras milhares nascem, num processo contínuo para manter o nosso organismo em perfeita harmonia e é isso o que acontece com tudo e todos no universo que compartilham da mesma natureza, e mesmo sabendo de tudo isso achamos que a morte é injusta.

Segundo Nasio (1997) a dor da separação pela morte é chamada de dor psíquica, uma dor que não é provocada por agressão física não se localizando no corpo, mas no elo entre aquele que ama e o objeto amado, por isso pode ser considerada como dor de amor. É representada pela brutal ruptura do elo que os liga, causando um sofrimento interior profundo, como se fosse um dilaceramento da alma. Tal ruptura provoca um desequilíbrio do sistema psíquico como se houvesse o enlouquecimento das tensões pulsionais. Neste momento já não existe mais a ilusão do prazer, só a dura realidade.

A percepção desse caos traz a sensação de um sofrimento profundo, é por isso que o homem está sempre fugindo e negando a morte, por ter consciência de tudo aquilo que é preciso enfrentar para aceitar a separação final.

1.2 A juventude definida pela literatura

“A ética da vida e da morte é única. O cuidado que damos ao nascer deve ser dado ao morrer, pois nascer e morrer fazem parte de um mesmo fenômeno: o da vida humana.” (SILVA, [200-] apud SANTOS, 2009, p.115)

Uma vez que no presente estudo optamos pela participação de universitários, e as pessoas selecionadas tinham entre 18 a 25 anos, achamos importante a descrição dessa faixa etária, tendo em vista que alguns autores definem esse período como “juventude” e outros como “jovens adultos”.

O adolescente é considerado por algumas literaturas, com a idade de 12 a 18 anos, ou ainda dos 13 aos 20 anos.

A adolescência é uma etapa de aquisições tanto das operações formais, como da internalização da moralidade e de um novo modo de consciência. A auto-imagem e as expectativas pessoais, familiares e sociais sofrem alterações, e nesse sentido, o adolescente busca sentido para sua própria identidade e para o mundo ao redor.

De acordo com D'Andrea (2003), os limites da adolescência não são fixos e variam de acordo com os fatores constitucionais, psicológicos, sociais, geográficos, econômicos e culturais. Já entre os 15 a 20 anos, o adolescente, para integrar-se definitivamente no mundo dos adultos, precisa enfrentar certas transições principalmente internas e psicológicas, pois é uma fase de emancipação da família, está desenvolvendo relações satisfatórias, integração da personalidade, cristalizando assim uma identidade pessoal.

Segundo o mesmo autor “a juventude é marcada por ser um período difícil, pelas transformações bruscas e passagem de um estado de dependência para um de independência” (D'ANDREA 2003, p. 99). O jovem, nessa passagem de transitoriedade é um “vir a ser”; já não aceita orientações, tem um afastamento natural da família, aderindo ao seu grupo de iguais.

Dessa mesma forma, por ser um período de indefinições e limites imprecisos em uma determinada faixa etária e fase do desenvolvimento humano, “à noção de juventude não pode se aplicar a critérios rígidos, mas a contornos dados pela cultura e momentos históricos” (DAYRELL, 2003, p. 41). A juventude é marcada pela maturação biológica e por sinais de necessidade de menos proteção da família, além de responsabilidades irem sendo assumidas, independência ir sendo buscada e mais e mais provas de auto-suficiência vão sendo expressadas.

Para Erickson (1987, p. 236)

[...]é na juventude que ocorre a necessidade do homem de combinar um duplo sentimento de identidade: a identidade pessoal acumulada desde as experiências infantis; e a identidade compartilhada, fruto dos encontros com uma comunidade cada vez mais ampla.

O jovem vive uma fase de novas conquistas e descobertas, sonhos, na qual a morte passa ser um desafio. A ambivalência é um traço marcante dessa fase, pois, ao mesmo tempo em que busca, foge; que deseja, nega; que ama, odeia.

2 JUSTIFICATIVA

O significado da morte se modifica ao longo da história, sofrendo conseqüências sociais, históricos e culturais e tem implicações na maneira com que cada pessoa entende sua relação consigo mesmo e com o mundo. Como visto no resgate da literatura realizado, a morte pode ser vivenciada de diversas maneiras pelas pessoas em diferentes momentos da vida, sendo que a juventude é marcada por um tipo de relação com a morte que difere da experiência em adultos ou idosos. Portanto, compreender a maneira que os jovens significam a morte ampliará o conhecimento na área favorecendo o entendimento de como essa população entende a morte e quais práticas sociais utilizam para lidar com ela.

O uso das teorias psicológicas para o aprofundamento da análise desses significados poderá ampliar esse conhecimento de forma a inspirar outros profissionais e pesquisadores no trabalho com jovens na promoção de práticas psicológicas mais condizentes com as especificidades dessa população.

3 OBJETIVO

Compreender os significados da morte para jovens universitários.

4 MÉTODO

4.1 Local e contexto em que foi realizado o estudo

O recrutamento dos participantes, a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) e as entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE A) foram realizados em locais de comum acordo com os participantes garantindo a privacidade dos entrevistados e com condições apropriadas para as entrevistas em conformidade com a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, que estabelece os cuidados éticos a serem observados em pesquisas envolvendo seres humanos. Em consonância aos cuidados éticos quanto ao sigilo foi proposto a realização das entrevistas em um consultório de atendimento particular na área de saúde de propriedade de uma das entrevistadoras. Todavia, pelas possibilidades de um entrevistado, a entrevista foi realizada em uma sala reservada das Faculdades Integradas FAFIBE.

4.2 Participantes

4.2.1 Critérios de Inclusão

Foram incluídos nessa pesquisa os participantes que:

- 1) Tivessem concordado em participar da pesquisa dando seu consentimento através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- 2) Estivessem cursando o ensino superior ou técnico. Essa escolha foi feita de forma a uniformizar o grau de escolaridade dos participantes.

4.2.2 Critérios de Exclusão:

Foram excluídos como não elegíveis para a pesquisa as pessoas que não cumprirem os critérios de inclusão mencionados anteriormente.

Considerando-se que esse estudo se alinha dentro da abordagem qualitativa de pesquisa, com ênfase no aprofundamento das descrições coletadas e em sua contextualização um recorte desse universo de participantes foi necessário para a garantia da exeqüibilidade do projeto. Dessa forma, foram entrevistados 4 jovens com idade entre 18 a 25 anos.

Os participantes são descritos a seguir:

Anita, 22 anos, trabalha e é estudante de curso técnico, é solteira, católica não praticante. Relata que faz parte da classe sócio-econômica baixa.

Lucila, 18 anos estudante do primeiro ano de um curso superior, é solteira, católica praticante. Relata que faz parte da classe sócia econômica média.

Maria, 20 anos, estudante de curso superior, é solteira, católica praticante. Relata que faz parte da classe sócio econômica média.

Fábio, 25 anos, estudante de curso superior, e já trabalha na área, é solteiro, espírita não praticante. Relata pertencer ao nível sócio econômico médio.

4. 3 Cuidados Éticos

A participação nesse estudo foi voluntária, e antes do início da coleta dos dados, todos os participantes formalizaram sua anuência mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, a coleta dos dados foi efetuada em conformidade com a disponibilidade e motivação dos participantes. Não foram utilizadas técnicas de persuasão de qualquer espécie no sentido de tentar convencer quem não quiser participar.

Houve o compromisso em respeitar os aspectos éticos envolvidos, assegurando a impossibilidade da identificação do participante dessa pesquisa. Foram utilizados, nesse trabalho, nomes fictícios para os participantes.

Os participantes terão acesso a esse estudo na íntegra.

4.4 Instrumentos e materiais

Os instrumentos e materiais utilizados foram o roteiro de entrevista semi-estruturada, mp3 para gravação das entrevistas, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e diário de campo. Esse último consistiu dos registros de fatos, impressões e reflexões derivadas das observações que as pesquisadoras elaboraram ao longo do período de coleta dos dados.

4.5 Estratégias de coleta de dados

O pesquisador estabeleceu o *rapport* com os participantes, fornecendo as informações e os esclarecimentos necessários acerca dos objetivos e procedimentos concernentes à pesquisa. Os participantes que concordaram em fazer parte da pesquisa formalizaram sua anuência mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram entrevistados seguindo o roteiro de entrevista apresentado nos anexos desse projeto.

Todas as entrevistas foram realizadas em um único encontro, tendo duração de 60 minutos aproximadamente. Foram áudio-gravadas na íntegra por meio de um aparelho gravador de áudio do tipo Mp3, para que o pesquisador pudesse ter a certeza de que nada do que o participante dissesse fosse esquecido.

4.6 Estratégias de sistematização e análise dos dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e literalmente. Após sua transcrição foram realizadas leituras sucessivas desse material para uma maior aproximação das pesquisadoras com o conteúdo dessas conversas.

Utilizou-se para a sistematização do material coletado a análise de conteúdo temática (MINAYO, 2004). Essa forma de análise é composta por três etapas: pré-análise (organização do material e sistematização das idéias); descrição analítica

(categorização dos dados em unidades de registros) e interpretação referencial (tratamento dos dados e interpretações).

No momento da pré-análise das entrevistas cada tema foi ressaltado através de uma cor diferente. Assim, ao final dessa análise temática foi possível perceber, através das cores, a frequência dos diferentes temas nas variadas entrevistas. Optou-se, para objetivos desse trabalho, analisar os temas que apareceram com maior frequência nas entrevistas.

Em seguida, foi realizada a interpretação dos resultados dessa análise, tendo como quadro teórico de referência a abordagem psicanalítica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 O contexto das entrevistas

A seguir é apresentada uma breve descrição do contexto de cada uma das entrevistas realizadas, enfocando como foi o primeiro contato das pesquisadoras com o participante e o clima emocional da entrevista. Por se tratar de um estudo qualitativo e com o uso da abordagem psicanalítica que valoriza a subjetividade do pesquisador envolvido na relação com o participante, incluímos também os pensamentos, sentimentos e impressões dos pesquisadores no momento da entrevista.

5.1.1 Anita: A morte em lágrimas

O convite feito à Anita foi através de contato telefônico, e esta não hesitou em aceitar mesmo sabendo o “pesado” tema do trabalho. O horário marcado foi estipulado pela participante, considerando seus compromissos de trabalho.

No dia e horário marcado a participante compareceu, foi esclarecida sobre a entrevista, assinou o termo de consentimento e respondeu as perguntas prontamente.

Anita ficou muito emocionada a partir do momento em que foi questionada sobre o sentimento que ela tinha ao pensar sobre morte. Chorou ao descrever o primeiro pensamento que lhe vinha à mente ao lembrar-se da morte do pai, a partir desse momento respondeu o restante do questionário chorando.

PENSAMENTOS E SENTIMENTOS DAS PESQUISADORAS: Sentimos dificuldade em aprofundar o questionamento diante do choro da participante. Sentimos vontade de interromper a entrevista e ajudá-la oferecendo suporte psicológico. Em alguns momentos a resposta da participante ecoava nas nossas vivências, e sentíamos vontade de acabar logo a entrevista.

IMPRESSÕES: De acordo com as respostas, a emoção de Anita sobre o tema e os relatos da experiência, pensamos em como a morte do pai ainda lhe traz sofrimento.

5.1.2 Lucila: a segurança do pensar a morte como alegria

O convite para Lucila foi realizado pessoalmente e ela não hesitou em aceitar. No dia e horário marcado Lucila compareceu e foi esclarecida sobre a entrevista, assinou o termo de consentimento e se colocou pronta para as questões.

Suas respostas foram curtas e objetivas, por isso tivemos dificuldade em aprofundar o assunto, sendo assim sua entrevista durou menos tempo.

Lucila esteve todo o tempo se comportando de forma segura e certa sobre seus pensamentos sobre o tema. Porém quando foi questionada sobre como seria perder as pessoas que ama, se emocionou bastante e chorou.

PENSAMENTOS E SENTIMENTOS DAS PESQUISADORAS: Nessa entrevista, a participante dizia que a morte era algo bom e que era o começo de uma nova vida, uma vitória, e que por isso não trazia sentimentos ruins. Nós as entrevistadoras, sem combinar, ficamos por um bom tempo da entrevista tentando fazer com que a participante caísse em contradição, pois em nossa concepção a morte não era algo tão bom quanto ela dizia. Assim, fizemos algumas questões extras, com certa perplexidade, pois suas respostas e concepções sobre um tema que desperta e traz à tona sentimentos tristes, provocaram em nós surpresa, incompreensão e incredulidade.

IMPRESSÕES: Nossa primeira impressão foi de alguém que estava negando o verdadeiro sentido e sentimento pela morte, porém depois de várias tentativas percebemos que na verdade estávamos diante de uma pessoa que tinha pensamentos diferentes dos nossos e que falava sim com segurança e clareza sobre o tema.

5.1.3 Maria: a difícil tarefa de explicar a morte

Maria foi convidada pessoalmente para participar da entrevista e aceitou prontamente. No dia e horário marcado Maria compareceu, foi esclarecida sobre a entrevista e assinou o termo de consentimento. A entrevista de Maria foi mais longa, pois ela falava, repetia sua fala e sempre perguntava se estávamos entendendo suas respostas.

PENSAMENTOS E SENTIMENTOS DAS PESQUISADORAS: Sentimo-nos confusas diante das respostas da participante que não sabia explicar direito aquilo que pensava e sentia sobre a morte. Precisamos clarificar bastante seus pensamentos para conseguir entender o que queria dizer, e na verdade sentimos o quanto é mesmo difícil definir algo tão obscuro e inexplicável como a morte. As respostas confusas vieram de encontro com o que a literatura pesquisada e lida traz sobre o tema, sendo este pouco pensado, discutido e difícil de ser explicado.

IMPRESSÕES: Sobre as respostas da participante tivemos a impressão de quão confusa Maria estava, uma vez que se perdia em suas próprias explicações, perguntava se estávamos entendendo, e ainda pedia para repetirmos certas perguntas. Contudo, ficou-nos a dúvida de que Maria pudesse de alguma forma, estar apresentando sua ansiedade ou mesmo negando reações diante do tema abordado. Em alguns momentos parecia se justificar pelos pensamentos e respostas dadas.

5.1.4 Fábio: a morte como rotina profissional

Fizemos o convite pessoalmente e Fabio aceitou prontamente dizendo que lida com ela todos os dias e não seria difícil falar sobre isso. Marcamos e remarcamos a entrevista duas vezes por causa do seu trabalho e horário de faculdade.

Na entrevista durante o *rapport*, Fabio se mostrou pronto e muito disposto a falar sobre o tema. Leu e assinou o termo de consentimento sem hesitação alguma.

A entrevista teve duração um pouco maior que as anteriores. O participante estava bastante centrado, seguro do que relatava e trazia para a conversa.

PENSAMENTOS E SENTIMENTOS DAS PESQUISADORAS: Sentimos a segurança de Fábio nas respostas, o que nos motivou a aprofundar algumas respostas sobre a experiência que Fábio nos contava; Outro fato que nos chamou bastante a atenção foi a coerência nos relatos: dava suas respostas e as explicava de forma clara, sensata dando exemplos de suas vivências, mantendo-se centrado no assunto de cada pergunta.

Assim, com cada fala de Fábio, sua objetividade nos relatos e segurança, sentimos que a entrevista se fechava em explicações claras, nas experiências e significações trazidas a respeito da morte.

IMPRESSÕES: Pela profissão exercida e pelas experiências já vivenciadas por Fábio, em contextos de saúde, onde a morte ocorre constantemente, pudemos perceber como o tema é encarado pelo participante, bem como suas significações se embasam em práticas diárias (estar vivenciando a morte dos outros, ou a iminência de mesma). Por isso, atribuímos a clareza e a coerência das informações à experiência profissional que Fábio já tem. Contudo, foi percebido por nós entrevistadoras, que o assunto e tema morte, em relação à sua vida particular e à sua família, se diferenciam em significações e forma de ser encarada.

5.2 A morte em temas

A partir da análise das 4 entrevistas pôde-se perceber que os participantes falam sobre a morte a partir dos seguintes temas: doença, fatalidade, idade, proximidade e religião. Essas temáticas estão presentes nas falas dos participantes quando eles mencionam a dificuldade em aceitar a morte. Pareceu haver uma diferença para esses participantes na aceitação da morte quando relacionada a esses diferentes fatores. Ou seja, a forma de compreender a morte é diferente se ela está relacionada a uma pessoa jovem ou idosa, saudável ou doente, que estava em sofrimento ou se foi uma fatalidade súbita.

Portanto, dividiu-se a análise a partir desses subtemas: “Morte de pessoas doentes” “Morte de pessoas idosas”, “Morte de pessoas próximas” e “Morte e religião”.

5.2.1 A morte de pessoas doentes

“Bem longe de afugentar a idéia da morte, como em geral o fazemos, saibamos pois, encará-la face a face, pelo que ela é na realidade. Esforcemo-nos por desembaraçá-la das sombras e das quimeras com que a envolvem e averigüemos como convém nos prepararmos para esse incidente natural e necessário do curso da vida.”(DÊNIS, 2006 apud SANTOS, 2009, p. 1)

Nas entrevistas percebeu-se a diferença entre os significados que os participantes dão para a morte quando envolve uma pessoa doente e quando envolve uma pessoa sadia; critérios esses que podem definir a reação e a intensidade do sofrimento das pessoas que sofreram luto.

De acordo com Queiroz (2006, p.41) “a doença também é um tipo de morte “é um sofrimento que refina o homem”, e assim, também coloca o homem em contato com sua fragilidade e finitude. Na doença, o homem experimenta dores e separações, pois convive com dois pólos: vida e morte.

Dessa forma, as pessoas ligadas, à pessoa adoecida provam das experiências que o doente passa. Todos vivem um processo chamado por Kovács (2002, p.153) de “morte simbólica”, ou “morte em vida”, à medida que se perde alguns aspectos da vida. Perde-se também “o controle de si mesmo e da realidade; vínculos se rompem”.

Bowlby (1975 apud KOVÁCS 2002), afirma que a intensidade e duração do luto se dão diferentemente em cada pessoa, porém seguem um padrão básico: 1- fase do torpor, com duração de horas ou semanas, acompanhadas de sentimentos de raiva e desespero; 2- fase da saudade e busca da figura perdida, que pode durar meses ou anos. A fase 3 é fase da desorganização e desespero, em que há manifestações de choro, raiva e acusações, além de profunda tristeza, quando se percebe a perda como definitiva. A 4ª fase é a organização, com aceitação da perda e a constatação de que uma nova vida precisa ser iniciada.

“A saudade, a falta e a necessidade da pessoa podem voltar, uma vez que o luto é gradual e nunca totalmente concluído” (QUEIROZ, 2006, p. 212). Esses sentimentos que são conseqüências naturais das separações, são descritos por Lucila na medida em que relata o sofrimento pela perda.

Lucila, 18 anos: “[...] *é muito triste, mas não adianta ficar chorando o resto da vida porque a pessoa já foi mesmo, não vai voltar [...]*”

Na fala anterior Lucila afirma “ser muito triste” perder alguém, mas que “não adianta ficar chorando”, uma vez que, apesar da falta, da saudade da pessoa, esta “não pode voltar”. Isso reflete a quarta fase do luto, descrita por Queiroz (2006).

A aceitação da morte de pessoas que em vida não sofriam de doença alguma, pode ser entendida como uma morte inesperada e súbita. Nesses casos, o sofrimento é maior, uma vez que, como a entrevistada relata, fica sua indignação diante da morte de uma pessoa sadia.

Anita, 22 anos: “[...] *foi muito difícil porque foi uma coisa inesperada, ninguém tava esperando. Ele era uma pessoa sadia, trabalhava, foi de repente, ninguém se conforma. Até hoje ninguém se conforma.*”

Mas diante da morte de pessoas doentes o discurso se modifica como podemos verificar nas falas a seguir:

Anita, 22 anos: “[...] *porque quando a pessoa já ta doente ou tem algum problema de saúde, você ta esperando que aquela pessoa pode morrer. Agora, quando é uma pessoa sadia e não tem nada, é um choque muito grande.*”

Lucila, 18 anos: “[...] *não foi tanta dor, já estávamos conformados, ele já era de idade, estava doente, não conseguia fazer nada sozinho. Há uns dias atrás, ele já estava internado, então a gente já estava esperando a morte.*”

Assim, diante das falas de Anita e Lucila, percebemos que a morte de pessoas doentes são mais aceitas e esperadas. Anita conta que expressa maior pesar frente às mortes que são “inesperadas”, ou seja, as mortes de pessoas que estavam saudáveis, sem nenhuma doença que pudesse indicar o acontecido. A

morte quando vivida dessa forma, para Lucila, é mais fácil de conformar por ser uma morte esperada.

De acordo com Queiroz (2006, p.210), “a morte é um fenômeno biologicamente natural, e como tal, se apresenta como um fenômeno também de valores e significados dependentes do contexto sociocultural e histórico”. Ou seja, ainda que a morte esteja inscrita na história de todas as espécies, será vivida e significada de forma distinta para diferentes culturas e tradições.

5.2.2 A morte de pessoas idosas

*[..].E somos severinos, iguais em tudo na vida, morremos de morte igual
Da mesma morte Severina: que é a morte de que se morre: de velhice
depois dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia,
de fraqueza e de doença
É que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida”.*
(MELLO NETO, 1994, p. 30)

O tema da morte é visto e considerado como tabu em muitas culturas, o que pode ser justificado pelo fato de esta ser vista como um tema isolado, ocultado e impronunciável, especialmente em um momento histórico atual, com a repercussão e influência do capitalismo na vida das pessoas e na cultura.

A juventude é pensada como um contraponto, com um significado contrário ao da morte. “A expectativa é que, pelo aspecto natural e biológico, a probabilidade da morte é maior para pessoas com mais idade, uma vez que as atividades físicas e funcionais do organismo vão diminuindo” (KOVÁCS, 2002, p. 89).

Ainda sobre as considerações da mesma autora, a onipotência do homem moderno diante da morte, que sente sua presença como incômoda, devendo ser discreta e banida do cotidiano das pessoas, além ser de interdita e escondida. A morte da pessoa jovem como algo difícil de aceitar pode estar relacionada ao nosso momento histórico contemporâneo no qual a juventude relaciona-se com vida em abundância, várias possibilidades futuras, o mundo pela frente.

Queiroz (2006, p.210), afirma que “a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo, e quando tal êxito não é atingido, ela é negada e escondida”. Portanto, entendendo a morte como

o fracasso da vida, é possível compreender essa maior dificuldade em aceitar a morte de pessoas jovens.

Kovács (2002) aponta que os jovens têm sonhos ilusões e almejam a realização pessoal; estão no auge da energia direcionada para o mundo externo, para as conquistas.

É um momento da vida idealizado (invejado, admirado) pela representação da força, saúde e beleza. Encarar a morte de pessoas jovens torna-se mais penoso e mais difícil de ser aceita. Isso se deve ao fato de coexistirem dois pólos: de um lado a juventude, o auge dos sonhos, desejos e conquistas. O jovem tem a ilusão da imortalidade, do heroísmo e de ser uma pessoa inatingível pelos males e perigos; de outro lado, a vulnerabilidade à morte, que todos estão sujeitos, processo inevitável na vida de todo ser humano.

Para Rodrigues (2008), ao mesmo tempo, e paradoxalmente, a morte pode ser denominada como “morte escancarada”, ou seja, invasiva e repentina.

Anita fala sobre isso:

Anita, 22 anos “[...] hoje faz tempo que não morre ninguém da minha família. A última que morreu foi minha avó, mas ela já era bem de idade, e de uma certa forma todo mundo já tava esperando, ela já tava doente também, há algum tempo.”

Nota-se na fala da entrevistada os fatores “doença” e “idade” como pontos relevantes para a aceitação e conformação da morte de uma pessoa. A perda de uma pessoa “bem de idade” (como o relato acima) e “já doente” retoma a idéia de se esperar a morte.

Os sentimentos negativos que acompanham todo o sofrimento humano frente ao seu aniquilamento são realidades tanto para a pessoa acometida, quanto para as pessoas que são próximas ou que estão vivenciando toda a proximidade do fim (ou pelo menos sua ameaça).

Segundo Kovács (2002, p.153), “a separação, perda e morte são sinônimos, uma vez que remetem a um vínculo que se rompe”. Assim, a dor é intensa, pois evoca sentimentos fortes devido ao que se perdeu.

Na separação, há o risco, segundo Queiroz (2006), “de perder junto com o perdido o significado da própria vida”. Anita fala de sua perda:

Anita, 22 anos “Eu demorei muito pra me acostumar que ele tinha morrido, porque, às vezes, quando fazia um mês que ele tinha morrido, eu me pegava pensando que eu ia lá na minha avó, pra ver meu pai, aí eu lembrava que ele tinha morrido. E é difícil. Eu chorava muito, parecia que eu não via as coisas na minha frente, eu andava e não sentia o chão.”

Aqui Anita relata seu sofrimento diante da perda e separação com o pai. Parece ter a sensação de que era uma mentira, pois se pegava pensando que ia encontrá-lo na casa da avó. Porém a realidade era muito dolorida, a ponto de se sentir “sem chão”.

Se por um lado, como entende Freud (1988), o século XX prega a morte como vergonhosa e sinônimo de fraqueza da humanidade, há, assim, a supressão da manifestação do luto, da reação à perda, com o impedimento da vivência da dor; há um domínio e controle das emoções.

Como já dito, Freud (1996b, p.249), afirma que o luto é a “reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração”. A dor se torna mais intensa para os enlutados, segundo Kovács (2002) de acordo com a identidade e papel da pessoa que foi perdida, idade e sexo do enlutado e circunstâncias da perda (sociais e psicológicas).

Para Queiroz (2006), há alguns determinantes que influenciam o resultado do processo de luto, que estão relacionados a alguns fatores: identidade e papel da pessoa que foi perdida, tipo de vínculo existente, causas e circunstâncias da perda (morte prematura, morte violenta, morte por doenças, etc), idade, e outros. Os fatores citados influenciam na aceitação da morte e na intensidade e duração do sofrimento de quem perdeu alguém.

As mortes inesperadas são complicadas pela característica de ruptura brusca. Já em caso de doenças crônicas e graves surge o que Kovács (2002, p.162) chama de “luto antecipatório”, e o processo de luto ocorre gradativamente, tendo a pessoa enlutada a possibilidade de se preparar para a perda eminente.

5.2.3 A morte de pessoas próximas

“Aos olhos dos outros, havia poesia. Naquele caminho do vale perdido, que um lobo sozinho, rompia o sentido. Da selva à tormenta, onde ardia a pimenta nos olhos dos outros.

[...] Se aos olhos dos outros, o diabo era lindo, feio como dizia, o diabo da poesia. O Diabo não era, não mais do que dizia, nem menos do que dissera.

Aos olhos do céu, com olhos na terra.

Se aos olhos dos outros havia poesia, nos óleos dos padres, nos óleos dos santos, nos olhos de tantos, com olhos em prantos.

Se havia poesia, no inferno de Dante, há de haver poesia nos meus desencantos.” (SILVA, 2009, p. 70)

A herança cultural, a educação, os valores e as vivências são fatores que individualizam o sentido da morte e o lugar que ela ocupa na vida de cada pessoa. Ao analisarmos a dificuldade em perder pessoas próximas percebemos que todos os entrevistados se referiram a essa questão, e para compreender tal tema, percebemos a necessidade de entender como são construídos os vínculos afetivos e porque é tão complexo o seu rompimento.

Sobre a perda de pessoas afetivamente próximas Maria relata:

Maria, 20 anos: “*Eu imagino que eu perderia minha base se fosse a minha mãe, o meu eixo, meu alicerce, morreria junto, eu ficaria tontinha, não sei se ia ficar doente, não sei se ficaria em depressão [...]*”

Maria 20 anos: “*[...] o amor é muito grande, é a pessoa que eu tenho mais medo de perder na vida, as outras vão chegar bem próximo a dor que eu vou sentir, mas não é igual a ela.*”

Aqui Maria relata não a perda de alguém, mas a forma como imagina que reagiria a perda da mãe. Ela conta que acredita que perder a mãe seria como perder a sua “base”, seu “eixo”, alicerce”. Ela parece construir a idéia da mãe como uma figura fundamental para a estruturação de sua existência. Portanto, perder a mãe para ela seria “morrer junto”, possivelmente “ficar doente” ou ter “depressão”.

Bowlby (1989 *apud* DALBEM E DELL AGLIO 2005) afirma que as relações de apego são construídas na infância e se estendem até a vida adulta. Elas atuam

como um mecanismo de equilíbrio mental, proporcionando sentimento de segurança e proteção, elementos básicos para a sobrevivência e auto-preservação.

Assim, Bowlby (1984) entende que os vínculos começam se construir desde a tenra infância, onde a criança desenvolve um modelo mental de representação de si, dos outros e do ambiente, mediante as experiências de apego e cuidado da mãe ou cuidador, do comportamento parental diante do apego, da função e do papel do apego para o adulto. Esses fatores serão determinantes nos relacionamentos interpessoais tanto parentais como românticos.

O apego, para esse autor é representado para a criança inicialmente por uma figura que oferece uma resposta de satisfação, proteção e segurança, o que motiva a aproximação e a construção do vínculo, com um investimento afetivo e de energia voltada a essa figura. Considerando que através das relações de apego na infância se constrói uma representação de si e do *self*, as relações de vínculo de apego quando são rompidas, constituirão numa nova representação do *self*, em que a pessoa é envolvida por uma série de sentimentos dolorosos, que necessitam de um tempo para uma nova reconstrução do self (BOWLBY, 1989).

O rompimento desse vínculo é irreversível e o sentimento que ele provoca depende da relação que a pessoa tem com quem perdeu. A esse aspecto se refere Lucila, quando fala sobre a possível perda da mãe:

Lucila 18 anos: *“Eu acho que mãe é mãe, sem ela a gente não consegue nada, é sempre aquela amiga que está do seu lado, que te apóia que te aconselha, é muito difícil perder.”*

Lucila parece ter consciência de que seria muito difícil perder a mãe, pois essa figura pode estar investida de muito afeto, de grande importância na vida da pessoa, pois ela é quem “está do seu lado”, é “sua amiga”, “te apóia” e “te aconselha”.

Os relatos de Maria e Lucila sobre o possível sentimento sobre a morte da mãe se aproximam em intensidade, pois a morte envolve o rompimento da relação de duas pessoas que se amam, e a perda evoca muitos sentimentos, memórias e lembranças de vivências para com quem se foi.

Becker (2007) quando interpreta o texto “Luto e Melancolia” de Freud (1996), afirma que a morte de um ente querido traz revolta pois leva consigo uma parte do

eu investido no objeto (pessoa que morre). Diante da perda do ser amado, exige-se uma retirada da energia libidinal colocada no objeto perdido e depois deslocada para o eu, por isso é muito penoso a separação e a escolha de um novo objeto libidinal.

Kovács (2002) relata que a representação da morte envolve a pessoa que é perdida e a outra que lamenta essa falta, a falta de um pedaço de si que foi embora, pois parte do objeto foi internalizado pela relação, e a separação causa intenso sofrimento quando precisa ser elaborada.

Com isso a pessoa entra em luto ou melancolia e se desorganiza em busca de um novo sentido para a vida.

Maria, em sua entrevista, busca descrever esse processo e utiliza a metáfora freudiana afirmando que perde um pedaço de si, ao imaginar a perda de uma pessoa próxima:

Maria 20 anos: “[...] existe uma dor, mas eu não sei direito, parece que foi embora um pedaço teu, um pedaço da sua história [...], eu nunca perdi ninguém na vida, mas eu tô pensando em uma coisa que eu perdi na vida, não é de namorado essas coisas, que eu perdi e que eu senti, então é como se fosse um pedaço teu que está indo embora.”

Sendo assim, para Maria, a perda de um ente querido provoca sentimentos físicos e desestruturantes, em que um “pedaço seu vai embora, um pedaço da sua história”. Parece que ela se refere que algo faltaria na sua história de vida diante a perda da mãe.

Caterina (2007) descreve que a intensidade do luto pela perda de uma pessoa próxima perpassa pela história de vida, pela história compartilhada, pela idade do enlutado, de quem se perde, bem como as vivências de perda do enlutado.

Para Oliveira, Brêtas e Yamaguti, (2007), a morte como perda é a morte do outro internalizada. Há uma subdivisão entre a morte concreta, aquela que ocorre efetivamente, ou seja, a morte da pessoa com quem se mantém um vínculo e, a simbólica, quando se referem a perdas não resultantes de morte.

Para Caterina (2007), a morte de um ente querido, além de desestruturar o enlutado, também desestrutura o sistema familiar, que nesse momento necessita de

uma nova construção grupal, reestabelecendo novos papéis que substituam o papel de quem se foi.

Como relata Anita quando diz que precisou “assumir algumas responsabilidades” e mudar seu papel social diante da morte do pai:

Anita 22 anos: “[...] meu pai porque ele faleceu numa fase muito difícil da minha vida... foi a minha adolescência, eu tinha 13 anos de idade, e com a falência dele eu fui obrigada a assumir algumas responsabilidades que não era para ser de uma adolescente.”

Pensando no sofrimento descrito pelos entrevistados sobre quando um vínculo é rompido através da morte e o medo que essa perda provoca, Oliveira, Brêtas e Yamguti,(2007), explicam que a maioria dos episódios de tristeza durante a vida do ser humano são desencadeadas pelas perdas, ou pela previsão delas, como num luto antecipatório, o que pudemos perceber em algumas respostas em que foi relatado o sofrimento apenas em pensar na perda de pessoas próximas, como pai, mãe, irmãos, companheiros e amigos.

Essa idéia é expressa por Anita, Maria e Fabio, nos seguintes relatos:

Anita 22 anos: “[...]quando a gente para pra pensar dá medo, tem vez que eu penso no dia em que eu perder minha mãe, porque não é fácil perder parente nenhum, principalmente os mais chegados, mãe, irmão, tenho medo de perder alguém da minha família.”

Maria 20 anos: “[...] tem muita gente que não tem medo, e eu tenho medo da morte, eu tenho medo de perder algum parente, alguém, amigo, família.

Fábio 25 anos: “De primeiro momento se envolvesse assim, meu pai,minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs, sobrinhas, meu companheiro, eu não sei, a minha vida ia parar [...] então eu não sei como eu reagiria.”

Diante desses relatos pode-se perceber que o medo de perder pessoas próximas é algo sofrido na vida dos entrevistados, demonstrando que os vínculos mais intensos, são construídos com mãe, pai, irmãos, sobrinhos, amigos e companheiros, configurando assim o nosso narcisismo diante da morte. O narcisismo pode ser lembrado no momento, em que ao ser considerado como luto

patológico diante da separação, a primeira com a diferenciação da mãe, o indivíduo pode passar a apresentar dificuldades em se separar de todas as pessoas com quem fez ligações objetais.

No caso da morte das pessoas próximas, que são as depositárias das idealizações, o indivíduo pode carregar uma grande culpa, passando a vida tentando reparar o mal praticado.

Os sentimentos a essa perda está vinculado a sentimentos ambíguos de amor e ódio, no sofrimento que sentiremos diante dela e também na satisfação de ter afastado os aspectos ruins que o morto apresentava.

5.2.4 Morte e Religião

“Sem a convicção de que vou me encontrar primeiramente junto de outros deuses, sábios e bons, e depois de homens mortos que valem mais do que os daqui, eu cometeria um grande erro não me irritando contra a morte.”
(SÓCRATES,[ca. 450 a.C.] apud SANTOS, 2009, p.26)

Freud (1988) em “Mal estar da civilização” faz uma análise crítica da religião procurando entender e responder o que acontece com o ser humano quando busca por uma religião. Assim, ele explica que o ser humano, desde a mais tenra idade, é puro prazer, no início da vida ele não se separa do universo, tudo pertence e está para seu prazer, sendo com isso regido pelo princípio do prazer.

A partir do momento em que começa a se diferenciar da mãe, o princípio da realidade aparece e isso faz com que o seu ego se separe do universo e do mundo que o cerca. Isso acontece através das várias experiências de desprazer, que faz o homem sentir-se separado do objeto externo, surgindo a tendência de se proteger contra o sofrimento e o incômodo, afastando o ego do desprazer, buscando o prazer.

Diante do princípio do prazer o ego e o universo não se separam, estão vinculados, como se o prazer viesse do mundo externo. Essa busca se assemelha à da religiosidade, que faz o homem buscar no externo, na religião, a sua satisfação e a fuga de seus verdadeiros desconfortos. O homem, ainda que com a dificuldade de identificar que muitos dos sofrimentos que tem não são externos, mas internos, e, portanto não se separam do ego, busca no princípio do prazer sua satisfação. O desprazer não está no objeto, mas sim no próprio ego, que percebe que seu desconforto não desaparece.

Sendo assim, Freud (1988) diz que a religião é apenas uma ilusão, que traz sentimentos subjetivos que se referem à sensação de que a busca pelo externo pode afastar os desconfortos internos.

Tudo o que é experimentado na vida não se perde, desde a infância, ao contrário é preservado e em determinadas circunstâncias volta à tona, assim como a busca do bebe por satisfação, sendo regido pelo princípio do prazer. No momento que o homem busca pela religião, volta a ser regido pelo princípio do prazer.

São vários os fatores que impulsionam o homem a buscar satisfação através da religião, além dos já descritos anteriormente, Freud (1988) considera que essa busca não está somente associada com descuidos maternos e um forte anseio por um pai que lhe provém, mas também está sustentada por um medo superior do destino do qual não se tem controle.

O ideal religioso está sustentado por uma crença de que se o ego estiver ligado ao universo e à natureza, fazendo parte dessa unidade, poderá proteger-se dos perigos que a própria natureza produz. Desta forma não poderia sofrer nenhum mal fazendo parte dela. O ego sente-se ameaçado pelo mundo e pelo ambiente exterior, mas ao fazer parte desse paradigma, essa ameaça se ameniza (FREUD, 1988).

O sistema religioso, então, oferece promessas de que existe um ser superior que tomará providências contra as ameaças e que dará alguma compensação pela vida e os sofrimentos em outra existência. Ela oferece explicações para coisas inexplicáveis e desagradáveis desse mundo, tornando-o um mundo ideal, onde tudo é providenciado por um pai com grande poder de desvendar as necessidades dos filhos.

Maria discursa sobre essas providencias e sobre experiências e vivências de sua família no seguinte relato:

Maria, 20 anos: *“Na minha família aconteceram coisas. Minha família é muito religiosa, aconteceram acidentes, que as pessoas rezaram muito, e acredito que foi um milagre, isso me faz acreditar que isso existe, eu não acredito só em Deus porque aconteceu alguma desgraça na minha vida pra eu acreditar nele, só de estar viva, ter minha família, ter meus braços, eu já acredito [...]”*

Aqui Maria refere que acredita em Deus não só porque aconteceu algo em sua família, uma “desgraça” seguida de um “milagre”, mas pelo simples fato de “estar viva”, “ter uma família, ter braços”, assim parece evitar o sofrimento transformando sua realidade em algo simples e agradável.

Na busca da satisfação e felicidade o homem precisa modificar esse panorama, pois caso contrário viveria em um mundo com uma realidade sofredora, cheia de obstáculos, caminhos obscuros, tarefas inatingíveis e impossíveis. Por isso é que com a intenção de suportar e se proteger, precisou criar algo para transformar essa realidade, algo que lhe desse alguma certeza de que suas necessidades poderiam ser satisfeitas e ele seria feliz.

Freud (1988) em “Mal estar da civilização” afirma que a questão da religião ameniza a realidade da vida, pois se o homem pensasse que à ela não se dá um propósito, do que viver valeria?

Parece que Maria 20 anos se refere a esse propósito quando tem o seguinte discurso:

Maria, 20 anos: *“Mas eu não deixo de pensar que a morte não acaba aqui, porque se não de que valeria toda a vida, ela não teria sentido, se não, eu sairia fazendo tudo o que eu quero, mas eu fico me questionando: será que existe mesmo vida depois da morte? Não ai eu penso tem que ter vida após a morte.”*

Maria, 20 anos: *“[...] se eu imaginasse que não teria vida após a morte, eu acho que não tem sentido a gente ser bom, ser melhor, ser uma pessoa cada dia melhor pra que, se amanhã eu vou morrer, parar que eu vou trabalhar, para que eu vou estudar depois um dia se morrer vai ser enterrado [...]”*

Maria parece trazer em sua fala pensamentos ambivalentes. Ela busca um sentido para a vida, pois se não fosse a morte e a vida que acredita existir depois dela, não teria sentido “ser bom”, “trabalhar” e “estudar”.

Para valer a pena viver a vida é preciso buscar satisfação e felicidade, regida pelo princípio do prazer, que dominam o aparelho psíquico desde o início de nossa existência. Porém mesmo estando em unidade com o mundo externo parece que este conspira contra nossa satisfação completa.

A felicidade é mais difícil de ser encontrada do que a infelicidade, como diz Freud (1988) o homem esbarra em aspectos que podem danificar ou liminar por completo a satisfação e o prazer, devido a alguns fatores que são inevitáveis, como a nossa constituição física que nos limita pela degeneração do corpo, pelas forças ameaçadoras advindas do meio natural em que vivemos e também pelo relacionamento com as outras pessoas. Esses aspectos afastam o homem do princípio do prazer e o aproxima do princípio da realidade e para não se tornar um ser tão infeliz o homem busca pensamentos que o fazem transformar o sofrimento em algo não tão ruim, despojando a morte do seu significado tenebroso.

Assim é o que relata Lucila 18 anos em seu discurso sobre o sentimento que tem diante da morte:

Lucila, 18 anos: *“Eu acho que a morte, o sentimento que eu sinto é de muita alegria, porque a gente sofre muito em vida, e eu acredito que após a morte esse sofrimento acaba, então o sentimento que eu tenho é mais de alegria.”*

Diante de tal discurso Lucila parece tentar transformar um sentimento de dor e sofrimento em algo bom e de “alegria”, com isso é capaz de proteger seu aparelho psíquico do temor da morte.

Na tentativa de se afastar do sofrimento advindo do ataque do mundo externo o homem tenta controlar a natureza e o mundo à sua volta, tenta também controlar seu organismo, barrando as sensações e sentimentos que o sofrimento provoca para isso se utiliza de substâncias químicas.

Mas a realidade é a fonte maior de nosso sofrimento, por isso outra forma de barrá-lo é deslocando a libido, e com isso criar um mundo particular, remodelando a natureza para que ela satisfaça nossos mais íntimos desejos. É assim que a religião funciona, como uma mola que impulsiona o homem à ilusão de um mundo ideal antes e depois da morte.

Como relata Lucila, sobre sua crença na salvação após a morte, crença que foi se construindo com o passar do tempo.

Lucila, 18 anos: *“Porque o próprio Deus disse pra gente que a gente terá a vida eterna e quando a gente morre a gente tem a vida eterna, a nossa salvação que eu creio que é após a morte.”*

Na fala a seguir Lucila deixa evidente sua crença na “vida eterna”, uma crença que foi se formando, através de vivências e experiências em “encontros de jovens” e “lendo a bíblia”.

Lucila 18 anos: *“Quando eu era pequena eu não tinha essa visão sobre a morte, a pessoa morria, um monte de gente chorava e enterrava, pra mim a morte era isso, mas com o passar do tempo, não pela catequese, porque ela só ensinava o pai nosso e a ave Maria, nem a salve rainha eu aprendi direito, depois de muito tempo eu aprendi, e quando eu comecei a freqüentar os encontros jovens, e o padre começou a freqüentar a igreja na minha cidade, que eu comecei ter uma visão dessa forma da morte, lendo também a bíblia, muitos evangelhos, que eu comecei ter uma visão assim da morte, porque antes pra mim a morte não significava nada, a pessoa morria e enterrava.”*

Através desse discurso parece que Lucila coloca a religião como algo primordial para dar significado à morte, pois antes da religião “a morte não significava nada, a pessoa morria e enterrava”.

Tal comportamento demonstra que o homem diante do temor da morte, tende buscar ajuda na fé para superar o desprazer da ansiedade que a mesma gera.

Assim sendo, a religião, a religiosidade e as experiências religiosas e místicas se tornam únicas e se somam a um universo simbólico que vai sendo construída mediante o aprendizado de uma cultura, época, crença familiar e pela própria civilização em que estamos inseridos. Tais fatores influenciam na intensidade da crença e na vivência religiosa cotidiana, que podem se modificar ao longo da história de acordo com as necessidades do ser humano, a modernidade e a tecnologia, de modo a sempre repensar suas exigências e posturas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou a compreensão do significado que jovens universitários dão à morte. Com o resgate da literatura e os dados encontrados na pesquisa, foi possível percebermos que a morte pode ser vivenciada de diversas maneiras pelas pessoas, em diferentes momentos da vida, sendo muitas vezes determinada pela cultura e momento sócio-histórico em que o ser humano está inserido.

A partir do processo de reflexão desencadeado por essa pesquisa podemos ressaltar alguns temas que foram revelados através do discurso dos entrevistados. Os temas foram: morte de pessoas doentes, morte de pessoas idosas, morte e religião e morte de pessoas próximas. Foi observado que os três primeiros temas se referem a um fator facilitador na aceitação da morte. Isso se deve ao fato de que a morte de pessoas idosas e doentes está ligada à nossa consciência de finitude e proximidade da mesma a que estas duas situações pressupõem.

Em contrapartida, a morte de pessoas próximas leva o indivíduo a sofrimentos mais prolongados e mais intensos. O simples fato de pensar na perda e imaginar a separação de pessoas próximas faz com que o mesmo tenha experiências de luto antecipatório, dificultando a aceitação desse tipo de morte.

É sabido que esse é um assunto complexo e confuso, que provoca um misto de pensamentos e sentimentos, por fazer parte de uma idéia representativa e abstrata. Esses sentimentos na maioria das vezes são desconfortáveis, levando o indivíduo a lançar mão de mecanismos de defesa, na tentativa inconsciente de proteger seu aparelho psíquico. Dessa forma, ela só é pensada através da representação da morte do outro, pois nossa própria morte não pode ser representada, porque a consciência não é capaz de deixar de existir e o inconsciente é atemporal.

Com relação ao tema da religião, esta possibilita ao homem, através do uso de mecanismos de defesa, se proteger da angústia causada pela morte e separação, que podem ser evidenciadas pelo ideal e crenças religiosas.

Portanto compreender a morte para jovens possibilita um pensar em práticas relevantes acerca dessa temática para essa população, além de uma ampliação dos conhecimentos de profissionais e pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS

BECKER, E. **A negação da morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BIFULCO, A.V. **Psicologia da morte**. [200-]. Disponível em: <<http://www.br.geocibes.com/incubadoraeventos/tanatologia/2textos/psicologiadamorte.pdf>> Acesso em: 25 fev. 2008.

BOWBY, J. **Apego a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. v.1.

CATERINA, M. C. **Módulo 28**: O luto: perdas e rompimento de vínculos: manejo clínico. São José dos Campos: APVP, 2007. 42p. Apostila. Disponível em: <http://www.apvp-psicanálise.com/Apostila_luto_perda.pdf>. Acesso em: 27 jul.2009, 17:20.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** n.57, 2005. Disponível em: < <http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=62&layout=hmtl&locale=es> >. Acesso em: 27 jul.2009.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n.24, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a40.pdf>>. Acesso em: 24 set.2009.

ERICKSON , E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In:_____ **Obras Psicológicas completas de Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.v.14.

_____. Luto e melancolia. In:_____. **Obras Psicológicas Completas de Freud: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Brito e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.14, p. 245-265.

_____. Mal estar da civilização. In:_____. **Obras Psicológicas Completas de Freud: O futuro de uma ilusão: o mal estar na civilização e outros trabalhos.** Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.21, p.73-150.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In:_____. **Obras Psicológicas Completas de Freud: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.** Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Christiano Morteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 14, p.75-108.

GIORGI, E. **Um estudo teórico sobre a morte.** Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/psicologia.htm-70k>>. Acesso em: 25 fev. 2008.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão, e outros trabalhos:** 1946 – 1963, Tradução Belinda H. Mandelbaum et al. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELLO NETO, J. C. **Morte e vida Severina** e outras vozes. 34 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NASIO, J. D. **O Livro da dor e do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.41, n.3, set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/Reeusp/v41n3/07.pdf>>. Acesso em: 27 jul.2009.

PIERRE, C. **A arte de viver e morrer**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

QUEIROZ, M.S.; COMBINATO, D. S. Morte: Uma Visão Psicossocial. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

RODRIGUES, C. F. Adolescentes: vidas interrompidas: por que é tão importante falar sobre a morte com eles? In: KOVÁCS, M.J. (Coord.). **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. (Fundamentos de Psicologia).

SANTANA, C.S. Envelhecimento , Temporalidade e morte nos relatos de idosos: Proposta de cuidados. In: KOVÁCS, M.J. (Coord.). **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. (Fundamentos de Psicologia).

SANTOS, S. F. **Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009.

SILVA, J. R. **Ópera dos lobos**. Vitória: Edição dos autores. 2009.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**. São Paulo: Artmed. 2004

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI - ESTRUTURADA

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

1- Dados de identificação:

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Profissão:

Escolaridade:

Nível sócio-econômico:

Religião:

Endereço:

Data da entrevista:

2- O que é a morte para você?

3- Quando se fala em morte qual o primeiro pensamento que lhe vem à mente?
Por quê?

4- Qual é o sentimento que você tem ao pensar na morte? Por quê?

5- Em que situações você pensa na morte?

6- Você já perdeu alguém próximo? Como foi? (Caso não tenha perdido): Como você acha que seria perder as pessoas que ama? Por quê?

7- Você acredita em vida após a morte?

8- Como sua família lida com a morte?

9- Se você fosse morrer amanhã, o que você faria?

ANEXO A - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: Os Significados da morte para jovens universitários.

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo com jovens de 18 a 25 anos. Os avanços na área da Psicologia ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste estudo é conhecer como os jovens entendem a morte e caso você participe, será necessário que você participe de 1 entrevista com duração média de 1 hora. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco à sua vida.

Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, preservando assim, sua identidade.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO.

TÍTULO DO PROJETO: Os Significados da morte para jovens universitários.

Eu, _____
_____, li e/ou ouvi o esclarecimento sobre o projeto e compreendi para que serve o estudo, e qual(is) procedimento(s) eu serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Diante desse entendimento eu concordo em participar do estudo.

_____,/...../.....

Assinatura do voluntário

Documento de identidade

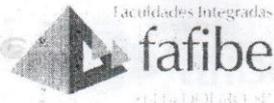
Assinatura do pesquisador responsável orientador

Assinatura do pesquisador

Telefone de contato dos pesquisadores: (17) 33426096 Endereço: Rua Vicente Paschoal 356, Bebedouro-SP.

Para notificação de qualquer situação de anormalidade que não puder ser resolvida pelos pesquisadores poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Fafibe, pelo telefone (17) 33447100 – Ramal 228.

ANEXO B – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Faculdades Integradas Fafibe

Mantenedora Associação de Educação e Cultura do Norte Paulista
CNPJ 57.713.281/0001-47

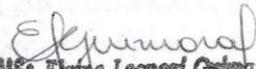
Bebedouro, 09 de dezembro de 2008.

Ilma. Srta.
Prof^a. Dr^a Laura Vilela e Souza
PSICOLOGIA

Parecer nº 0123/2008

O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, das Faculdades Integradas Fafibe, constituído em conformidade com a Portaria nº 18, de 06 de maio de 2008, da Direção Geral, e nos termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde tendo analisado, nesta data, o projeto de pesquisa intitulado **“Significado sobre a morte para jovens”**, de V.Sa., resolveu enquadrá-lo na categoria APROVADO.

Atenciosamente,


Prof. MSc Elaine Leonel Galvão
Coord. do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Faculdades Integradas Fafibe